



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CINEMA EM PERSPECTIVA FORMATIVA E REPRESENTACIONAL NO ESPAÇO ESCOLAR

Wendell Marcel Alves da Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, marcell.wendell@hotmail.com

Este trabalho trata as contribuições do cinema nos processos formativos e representacionais durante o desenvolvimento de alunos na instituição escolar. Dessa forma, é apresentada a concepção de formação e representação audiovisual como uma etapa por onde os alunos serão treinados para realizar leituras das imagens em movimento a partir de filmes que incorporem na narrativa fílmica aspectos e códigos caros ao comportamento dos discentes. Esse sistema tem em vista empreender, no espaço escolar, a união entre a teoria – a leitura e a desconstrução de imagens – e a prática – a confecção de produtos audiovisuais. Por meio do visionamento de filmes se dá a formação de espectadores críticos acerca das imagens projetadas nos filmes, fomentando assim, por meio do cinema, o debate sobre o que é representado na tela como algo real e universal. Em síntese, esse ensaio visa a contribuição teórica sobre a temática do cinema e seus aspectos formativos e representacionais, apresentando um painel geral acerca do cinema como ferramenta de ensino em sala de aula, assim como também um conceito que se aplica no campo das artes no espaço escolar, em sua perspectiva formativa e representacional.

Palavras-chave: Formação, Representação, Cinema, Ensino-aprendizagem.

Introdução

A utilização de ferramentas audiovisuais na sala de aula é, hoje, refletida por experiências em diversas realidades escolares (RIZZO JUNIOR, 2011; LIMA, 2013). Dessa maneira, este trabalho visa à contribuição teórica acerca da temática em questão, destacando os aspectos formativos e representacionais do cinema, pensando a contribuição do dispositivo cinematográfico para a orientação do aluno diante das questões multiculturais do mundo. A relação entre cinema e educação escolar se desenha de acordo com a estrutura das instituições de ensino, tanto no quesito de equipamentos quanto das habilidades dos professores em guiar a desconstrução fílmica ao lado dos alunos.



Assim, neste ensaio são apresentadas discussões sobre a importância de se pensar o cinema como possibilidade de formação de discentes e, em alguns momentos, realizando uma leitura da construção dos espectadores preocupados com a imagem cinematográfica e suas nuances ideológicas, políticas e sociais. Essa é uma determinante neste trabalho, quando são levantadas as várias colocações acerca do cinema como ideologia e representação do espaço real onde são regidas as relações sociais.

Metodologia

A metodologia deste trabalho orienta-se na discussão teórica acerca do cinema e seus aspectos formativos na educação escolar. Para iniciar esse debate salutar no campo das metodologias de ensino, o trabalho segue uma corrente por onde busca, a partir de autores interessados na temática e de experiências empíricas, razões práticas e valorativas do uso do dispositivo do cinema em sala de aula, visando a capacitação dos alunos na leitura crítica das imagens em movimento.

Além disso, a metodologia do trabalho apresenta também orientações para que o profissional da educação interessado no uso do cinema na sala de aula coloque-se prontamente como sujeito ativo na admissão de novas tecnologias de ensino, neste caso as audiovisuais. Essa proposta tem em vista, particularmente, a formação de um corpo discente preocupado com a produção de imagens na pós-modernidade. Neste contexto, este ensaio apresenta categorias que podem ser úteis para o trabalho docente neste campo do conhecimento imagético.

O cinema em perspectiva formativa e a representação na tela

O espaço da sala de aula possui diferentes modos de aprendizagens por parte dos alunos. É por essa razão que é necessário, por parte dos professores, perceber os diferentes modos de construção do conhecimento, procurando metodologias de ensino que cheguem aos alunos da melhor forma possível. São exemplos, a fotografia, letras de músicas, charges, cartuns e o cinema, objetivo deste trabalho.



Como nos lembra do título deste ensaio, a formação e a representação em sala de aula é parte de um processo por onde o aluno será capaz de reconhecer na exibição de um vídeo ou filme, a construção de significados e de um painel ideologicamente ligado a uma espécie de conhecimento.

Neste sentido, a arte, em especial a cinematográfica, tem um papel de formação no espaço da sala de aula. Contudo, alguns aspectos do cinema, sendo ele um produto da sensibilidade humana, mas também uma produção carregada de poder simbólico e de ideologia em seu discurso cinematográfico (XAVIER, 2005), produz igualmente um imaginário sobre as formas com que a sociedade se organiza. Por isso, é preciso profissional da educação capacitado na desconstrução fílmica do material exibido em sala de aula, ao lado dos alunos, na tarefa de retirar da imagem conceitos interligados com os saberes dialéticos da instituição escolar.

Nessa medida, colocam-se em destaque as possibilidades formativas do cinema. Segundo Almeida (2014: 15), no exercício

De nos situarmos constantemente e outra vez no mundo, porque um filme nos *des-orientou*, nos *des-situou*, que constitui o caráter formativo do cinema. A equação entre a somatória desses momentos, a subtração de outros tantos, tudo multiplicado pelos discursos que nos atravessam, é que resultará nos nossos itinerários de (auto)formação.

É por que existe, na tarefa de ler cinema em todas as suas possibilidades, a *sujeição* do espectador a uma posição de crítico do que está posto na imagem, no intuito de perceber que as formas constitutivas da tela são representações inacabadas da própria realidade social, ou seja, espaço real transformado em espaço fílmico por meio da narrativa e dos elementos estéticos da linguagem cinematográfica. É de bom tom salientar que o cinema não tem como função a formação de espectadores, mas é no processo de ver filmes que se fazem bons leitores de cinema; logo, quem vê filmes tem uma sensibilidade, um apuro, em identificar as maneiras de construção da produção cinematográfica.



No exercício de compreender a imagem do cinema como um produto de subjetivação das emoções, retocando o imaginário social com pinceladas de um fazer artístico, utilizando códigos, convenções, signos e representações oriundas e significadas por meio da interação social, os filmes são, dessa forma, reprodução do pensamento humano. Mais do que reprodução, ele dá sentidos aos conflitos, ao mesmo tempo em que cria novas possibilidades de refletir sobre eles, abordando os fenômenos sociais, políticos e ideológicos. Em suma, a imagem, entendida como *intercessão* entre diferentes dispositivos comunicacionais, é “instrumento de comunicação entre as pessoas, [...] pode também servir de instrumento de intercessão entre o homem e o próprio mundo” (JOLY, 2007: 67).

Seguindo por esse raciocínio, os aspectos formativos e representacionais do cinema aprimoram-se na medida em que os espectadores, no processo de visualização de filmes encontram-se com a realidade construída a partir e na imagem. Esse enfrentamento entre espectador e imagem é momento decisivo na incorporação da reflexão sobre o que está desenhado no discurso cinematográfico (XAVIER, 1983), superando e decodificando as representações acerca de inúmeras questões contemporâneas, como o gênero, a desigualdade social, o preconceito racial e o deslocamento de populações inteiras em razão dos conflitos políticos.

Logo,

O filme propicia por si só uma atração especial, é envolvente, mobiliza a atenção concentrada, envolve o espectador, mobiliza aspectos emocionais, explora a percepção, valores, julgamentos, paixão e compaixão, opiniões e até desejos. O filme como ferramenta didática é de uma extraordinária valia para se trabalhar com e em grupos (CASTILHO, 2003: 8).

Diante de tantos dispositivos de informação que os jovens hoje possuem, sendo bombardeados a todo o momento por anúncios, notícias, conteúdos e novas opções que o consumismo oferece, torna-se cada vez necessária a filtragem do que chega até nós de forma imediata e, algumas vezes, impactante. As imagens são canais por aonde essas informações chegam até os consumidores de conteúdo, atingindo principalmente o desejo e as emoções



dos usuários desses dispositivos. São nas palavras de Schettino (2014: 30), a respeito da fusão/deslocamento entre as redes propulsoras de informação e de formação de opinião no Brasil e em outras nações, o cinema e a televisão, que reside a tarefa árdua de interpretar os fatos da contemporaneidade:

Lidar com a contemporaneidade incluiu dois problemas cruciais, a saber: sendo o primeiro de natureza científica, que pode toldar os resultados por nos encontrarmos não só próximos demais dos fatos, como também imerso neles, portanto, sem a perspectiva tão necessária, que se requer um olhar isento, o qual só depende da distância e do tempo, para uma correta avaliação dos dados. O segundo decorre do fato que as pessoas envolvidas, ainda estão agindo, e escrevendo o que será mais tarde a História, completada, apenas, depois de adquirir o distanciamento que aludimos anteriormente.

O cinema, essencialmente, desempenha, em algumas ocasiões, singular tarefa nesse sistema, porque apresenta na tela o que às vezes o jovem quer ver, ou que ele gostaria de ver, ou, mais ainda, o que ele não gostaria de ver, mas está vendo. A dificuldade de ler as imagens, na contemporaneidade, abarca essencialmente a proximidade com que as imagens são produzidas com as imagens projetadas pelos receptores.

É principalmente neste aspecto da abordagem do cinema que nos interessa neste trabalho. “A imagem fílmica proporciona, portanto, uma reprodução do real cujo realismo aparente é, na verdade, dinamizado pela visão artística do diretor”, quando “a percepção do espectador torna-se aos poucos afetiva, na medida em que o cinema lhe oferece uma imagem subjetiva, densa e [...] passional da realidade” (MARTIN, 2013: 25). Como, diante disso, ler as imagens do cinema? Para medidas devem ser tomadas no intuito de orientar-se nelas o conteúdo ministrado em sala de aula? Além disso, como atingir o aluno em sua construção social com a utilização do cinema em sala aula, como dispositivo de ensino?

Como apresentaram Pereira e Silva (2014), o estudo do cinema e a educação escolar, e o uso do primeiro na sala de aula por professores, já vem sendo discutido desde a década de 1930 no Brasil. Com a contribuição de Napolitano (2013) esse debate ganhou maior repercussão a nível acadêmico, contribuindo até mesmo para o aperfeiçoamento do uso



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

didático do cinema no espaço escolar, frente às novas orientações curriculares do ensino médio que incentivam a utilização da ferramenta audiovisual no processo de ensino-aprendizagem.

Para Napolitano (2013), o uso do cinema na sala de aula perpassa, efetivamente, o “como” antes do “usar”. É o mesmo discurso que vem sendo desenvolvido neste trabalho, quando destacamos a necessidade de formação de professores no manejo de tecnologias educacionais.

Pensar objetivamente as dificuldades que poderão se apresentar durante a escolha, a exibição e o debate sobre os filmes, influenciará enormemente na reflexão do aluno durante as etapas do exercício de leitura da imagem cinematográfica. Como tanto o professor quanto o aluno são agentes de ação nesse processo, é de extrema importância o apuro no desenho da programação dos filmes e no desenvolvimento dos debates em sala. A construção da *insubmissão* (FREIRE, 1996) frente aos códigos e representações inculcados nas narrativas dos filmes é, em parte, influenciada pela forma com que o exercício de análise fílmica é orientada durante o seu preparo.

O fato de utilizar o cinema em sala de aula leva em consideração uma série de componentes que a própria arte impinge em seu canal comunicacional. São eles: experiência estética, imersão do imaginário, modelos de existência e formas de pensamento (ALMEIDA, 2014: 16). Esses elementos estão contidos na imagem cinematográfica, e são reproduções, em parte, das convenções oriundas e existentes na sociedade, a exemplo do imaginário social, modelos de existência e as formas de pensamento. Dito isso, é inegável afirmar o quão a imagem na tela está carregada de experiências e representações da sociedade, promovendo o funcionamento corrente de construção de imagens socialmente vinculadas a um fato social demarcado nas relações sociais.

Como proposta metodológica, o cinema em sala de aula visa a admissão de uma realidade espacialmente virtual do aluno, representada na tela com as proporções construídas e orientadas pela experiência estética. Falar de consumismo, política, sexualidade e outros temas sem pensar no canal que esteja próximo da realidade desses alunos, ainda que irremediavelmente distante do cotidiano deles, é criar um ruído na comunicação entre



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

professor-aluno, quando ambos estão falando línguas diferentes. Nesse propósito, o cinema é uma forma de facilitar a comunicação, e por ser uma arte que comprime ao mesmo tempo em que expande o conhecimento, em uma aula um curta-metragem pode gerar importantes discussões sobre cota racial, consumismo, representação social nas redes sociais, entre outros.

Considerações...

Em suma, este trabalho visualiza as possibilidades e os aspectos formativos do cinema, enquanto ferramenta de ensino na sala de aula. Além disso, oportuniza-se a representação proporcionada pelo cinema, provocando no aluno a leitura das representações no espaço fílmico e a conscientização de que a imagem é associada a um poder simbólico, orientada por convenções, códigos e signos. O seu aspecto formativo reside no fato de sempre pensar sobre as suas possibilidades de formação, ao mesmo tempo em que se incorpora o cinema no espaço escolar. Essas e outras ações produzem conhecimento, porque é a partir de reflexões de “como” antes do “usar” que se fomenta a correta utilização da tecnologia educacional.

WENDELL MARCEL ALVES DA COSTA, graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atua nesta mesma instituição como bolsista de Iniciação Científica (Pibic/CNPq), sob a orientação da Profª Drª Maria Helena Braga e Vaz da Costa. Pesquisa na área de Educação e Cinema, sendo produtor e curador em festivais e eventos sobre cultura cinematográfica em Natal – RN. E-mail: marcell.wendell@hotmail.com.

Referências

ALMEIDA, R. **Possibilidades Formativas do Cinema**. In: *REBECA*, ano. 3, ed. 6, jul./dez., 2014.

CASTILHO, A. **Filmes para Ver e Aprender**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa: Ed. 70, 2007.

LIMA, M. F. **Formação dos professores para a inserção das mídias em sala de aula**: uma proposta de ação, reflexão e transformação. In: *Holos*, ano. 3, vol. 3, pp. 100-110.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013.

PEREIRA, L. R. SILVA, C. B. **Como utilizar o cinema em sala de aula?** Notas a respeito das prescrições para o ensino de História. In: *Espaço Pedagógico*, v. 21, n. 2, Passo Fundo, p. 318-335, jul./dez., 2014.

RIZZO JUNIOR, S. A. **Educação audiovisual**: uma proposta para a formação de professores de Ensino Fundamental e de Ensino Médio no Brasil. *Tese de Doutorado*. São Paulo: S. A. Rizzo Junior, 2011, 189p.

SCHETTINO, P. B. C. **De Bello Media**: o NovoCinema Brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS ; Sorocaba: OJM, 2014.

XAVIER, I. **A experiência do cinema**: antologia. Ismail Xavier organizador. Rio de Janeiro: Edições Graal : Embrafilme, 1983.

XAVIER, I. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terra, 2005.